

# ***Infohabitar Ano VIII, N.º 411***

## **Sobre o jogo das relações urbanas: limiares, transições e relação interior/exterior - I**

*(com imagens de Coimbra)*

Artigo XXI, da série habitar e viver melhor

António Baptista Coelho

Para além do “jogo de entradas” e do próprio “jogo urbano”, para além da crucial integração de elementos naturais e dos papéis relacionais e de apropriação de tais elementos, para além do que se consegue atingir em termos de capacidade de vivência e de atractividade do exterior público, há, antes de tudo e talvez no fim de tudo, sempre um pouco, daquilo que dá coesão a tudo isso e que podemos definir como “o jogo das relações” em Arquitectura residencial e urbana.

E complementarmente a esta questão coloca-se outra: como tal jogo parece poder ser determinante na construção de soluções habitacionais e urbanas verdadeiramente estimulantes e porque não dizê-lo, verdadeiramente eficazes?



Fig. 01

Há autores que constroem toda uma teoria do habitar sobre este jogo, como é o

caso de Christopher Alexander, de Chermayeff, de Jean-Charles Depaule e mesmo, em boa parte, de Hertzberger, transformando a concepção residencial num verdadeiro jogo de limiares de privacidade e convivialidade, e, muito provavelmente terão razão. No entanto, julgo que é adequado associar a uma tal rede de relações muito centrada na presença do espaço privado, uma outra rede de relações que (se) baseia a estruturação do espaço público, e aqui é sempre útil todo o excelente processo de leitura da imagem urbana desenvolvido por Gordon Cullen.



Fig. 02

É como uma junta bem larga de coesão dos mundos domésticos – deixemos, para já, os espaços comuns fora do jogo –, mas é uma junta onde realmente se vive e que vive, também, a outros ritmos e por outras razões que não apenas aquelas que temos nas nossas casas. É um mundo cívico que tem as suas próprias razões de ser, e isto é muito importante, e é a riqueza e diversidade urbana a chamar por nós, diariamente, e isto é também muito importante e tem “mecânicas” próprias, formais e funcionais – mas, julgo que talvez formais, em primeira linha e a este tema voltaremos – que regem a potencialidade de se influenciar um habitar com mais felicidade e mesmo com mais entusiasmo, e aqui há que lembrar, sempre, o magistral tratado de paisagem urbana de Gordon Cullen, um trabalho ao qual nunca foi feita a devida justiça, designadamente, no que aqui nos reúne, autor e leitor, que é o pensarmos sempre mais um pouco sobre o como fazer habitações mais felizes (leia-se espaços habitacionais e urbanos mais felizes).



Fig. 03

Mas há que sublinhar aqui três aspectos: o primeiro tem a ver com estar-se a tratar de boa parte da matéria própria do “arquitectar”, e assim devemos ter em conta que será difícil ou mesmo desaconselhável avançar muito mais nesta reflexão sobre o jogo das relações no habitar urbano, pois tal assunto deverá ficar atribuído ao trabalho de cada projectista, uma ideia que seria boa se tivéssemos a certeza de que estamos sempre a tratar com excelentes projectistas (sem mais comentários); o segundo aspecto, ao qual dedicaremos, mais à frente, atenção específica tem a ver com a grande importância deste jogo de relações espaciais na construção do amplo leque de tipos de edifícios de habitação; e o terceiro aspecto, ao qual dedicaremos, já de seguida, mais algumas reflexões, tem a ver com a noção de que boa parte da potência arquitectónica e vivencial do jogo de relações espaciais decorre de múltiplos aspectos de ligação, transição, separação e sobreposição física e visual entre espaços interiores e exteriores.



Fig. 04

Pensemos então, apenas um pouco mais, nos aspectos de articulação entre espaços interiores e exteriores e nas suas influências na desejável fruição positiva do habitar.

Nestes limiares é importante a evidenciação dos “jardins de inverno”, nomeadamente, nos pisos térreos através de volumes envidraçados e cheios de plantas “domésticas”, é um importante factor de expressão dos seus respectivos fogos, de embasamento do edifício e de relação com a envolvente natural ou de “verde” urbano, ao mesmo tempo que servem como elementos de integração entre o exterior e o interior, porque as plantas são elementos comuns e bem evidentes num e noutro. E isto pode e deve generalizar-se à matéria do verde no edificado, naturalmente, numa relação com um verde mais forte na ligação com o solo.



Fig. 05

E uma tal reflexão, mais “edificada” sobre estes elementos do exterior, mas enclausurados, que são os “jardins de inverno” pode ter uma contrapartida, quer num expressivo desenvolvimento das soluções associadas a quintais/pátios privativos, que são elementos do exterior apenas delimitados por construção, quer num idêntico desenvolvimento das zonas de relação interior/exterior, que podem marcar os "pontos" de acesso aos edifícios e os pólos de animação/vitalização pontual por equipamentos; e afinal todos estes elementos marcam funcional e visualmente o subnível físico residencial de transição entre a vizinhança de proximidade e os seus edifícios.

E devemos ter bem presente que é neste subnível físico de limiar, que, se conseguirmos desenvolver um verdadeiro nível vivencial, se poderá ganhar boa parte da batalha da motivação do uso do exterior e do desenvolvimento de uma imagem residencial apetecível, pacífica e apropriável.



Fig. 06

Afinal é nesta margem funda, neste limiar, que se "sai" dos espaços exteriores equipados a caminho dos edifícios e se sai dos edifícios a caminho desses exteriores equipados ou de outros edifícios, trata-se de um complexo de relações potencialmente vitalizador que há que tratar com grande continuidade física e visual, velando, cuidadosamente pelo conforto nos edifícios (face a possíveis actividades exteriores incomodativas) e pela funcionalidade, agradabilidade e relativa, mas fundamental, liberdade de uso dos espaços exteriores equipados (com poucas restrições porque bem posicionados e adequadamente protegidos e pormenorizados).

Esta é uma perspectiva que se julga ser razoavelmente inovadora e que se ganhou, evidentemente, não por acaso, na sequência de um amplo trabalho de apoio a uma tese de doutoramento em Arquitectura, realizada no LNEC e apresentada na FAUP, sobre o que poderá constituir a qualidade arquitectónica residencial (1); afinal, também aqui acabámos por nos situar estrategicamente nas relações entre níveis físicos mais conhecidos e evidentes, por se concluir que muita da qualificação arquitectónica se situa nestes inter-níveis, entre cidade e bairro, entre bairro e vizinhança, entre vizinhança e edifício, entre edifício e habitação, e mesmo entre a habitação e os seus compartimentos – não é tornar complexa uma “coisa” simples é, sim, aproximarmo-nos da real complexidade de algo que parece simples.



Fig. 07

E assim já se entende melhor que, por exemplo, é fundamental, não só a adequada concepção dos espaços exteriores de vizinhança e dos compartimentos domésticos, mas também a forma como uns e outros se relacionam directamente e através dos associados níveis do edifício e da habitação. E é, assim, fundamental afirmar que a qualidade residencial depende do desenvolvimento de conjuntos habitacionais globalmente concebidos tendo em atenção as desejáveis características dos seus diversos níveis físicos e das suas estreitas e mútuas inter-relações, desde a integração na envolvente até à pormenorização exterior e interior.

Por outras palavras, Francisco Keil do Amaral fala-nos estas matérias, quando, referindo-se aos "sectores de Lisboa mais lisboetas", diz que (2): "Aprecio neles, acima de tudo, uma «poética desarrumação» e fraccionamento dos edifícios e dos espaços livres e uma escala humana de relações espaciais e volumétricas peculiar. Desarrumação sábia ou com acasos sabiamente aproveitados, favorecia a o relevo da Cidade, recomendava-a o clima e quadrava aos hábitos populares. Amenizava o conjunto do casario sem grandeza e a permanência em habitações pouco cómodas e salubres; convidava a uma vida na rua, ao ar livre, alegrada pelo nosso sol. Nesses sectores as casas não entaipavam os passantes em ruas monótonas, rigidamente alinhadas. Abriam-se, de quando em quando, em varandas sobre o rio, ou sobre os campos ou sobre outras casas construídas mais abaixo. Nuns pequenos espaços deixados à margem do movimento das ruas podia-se lazeirar, sonhar, conversar livremente ou contemplar o casario e os

barcos que sulcavam o Tejo. Nuns larguinhos íntimos, abrigados do vento, os velhos gozavam o sol de Inverno, enquanto, ao lado os mais novos jogavam à malha. Bastantes edifícios eram concebidos envolvendo parcialmente pequenos espaços livres, a que davam recato e utilidade, eximindo-os à bisbilhotice proverbial dos vizinhos portugueses."

Julga-se que sobre o jogo das relações e o seu papel na Arquitectura urbana e do habitar dificilmente outro texto poderia realizar uma melhor síntese.

#### Notas

(1) António Baptista Coelho, "Qualidade Arquitectónica Residencial", Lisboa, LNEC, ITA n.º 8, 2000.

(2) Francisco Keil Amaral, "Lisboa uma Cidade em Transformação", pp. 146 e 147.

#### **Infohabitar a Revista do Grupo Habitar**

**Editor: António Baptista Coelho**

**Edição de José Baptista Coelho**

**Lisboa, Encarnação - Olivais Norte**

**Infohabitar, Ano VIII, n.º 411, 11 de Outubro de 2012**

Etiquetas: [antónio baptista coelho](#), [cidade habitada](#), [habitar os espaços de relação](#), [jogo de relações urbanas](#), [limiaries](#), [transição exterior interior](#), [transições](#)